

Companhia Crisálida de Teatro



ari
ad cartografias
de um
labirinto
ne

Juliana Albuquerque Veras



ARIADNE – CARTOGRAFIAS DE UM LABIRINTO

Companhia Crisálida de Teatro

Dramaturgia e Encenação do Espetáculo*

Por Juliana Albuquerque Veras

Produto da dissertação de Mestrado Profissional em Artes

ARIADNE - CARTOGRAFIAS DE UM LABIRINTO

DA COMPANHIA CRISÁLIDA DE TEATRO:

DRAMATURGIA E ENCENAÇÃO

PPGARTES-IFCE

*Texto teatral escrito por Juliana Veras, em pesquisa com Elaine Cristina, Eloiza Temóteo, Jéssy Santos, Ohana Sancho, Paulo de Souza e Rafaely Santos

FORTALEZA

2023



ARIADNE – CARTOGRAFIAS DE UM LABIRINTO

Companhia Crisálida de Teatro

Por Juliana Albuquerque Veras

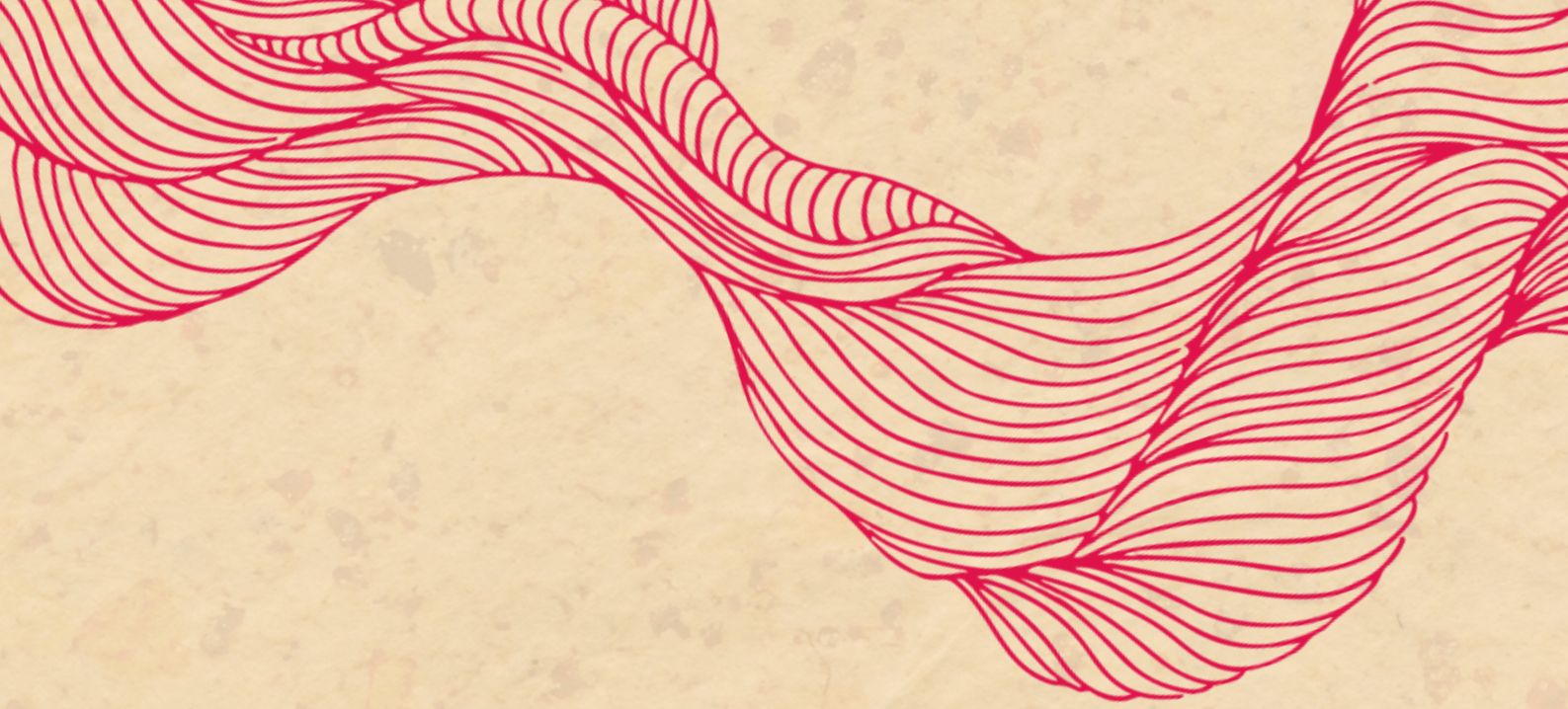
Colaboração de Elaine Cristina, Eloiza Temóteo, Jéssy Santos,
Ohana Sancho, Paulo de Souza e Rafaely Santos

Produto da dissertação *ARIADNE - CARTOGRAFIAS DE UM LABIRINTO* DA COMPANHIA CRISÁLIDA DE TEATRO: DRAMATURGIA E ENCENAÇÃO, apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - *Campus Fortaleza*, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestra em Artes. | **Área de concentração:** Artes. | **Linha de pesquisa:** Processos de Criação em Artes. | **Eixo temático:** Teatro (Dramaturgia e encenação contemporânea). | **Mestranda:** Juliana Albuquerque Veras. | **Orientador:** Prof. Dr. Gilson Brandão Costa. | **Coorientador:** Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo.



Vídeo do Espetáculo
ARIADNE - CARTOGRAFIAS DE UM LABIRINTO.
Companhia Crisálida de Teatro

"Disponível em: <<https://youtu.be/CEwzJOHYmsc>>.
Acesso em 15 set. 2023. Filmagem: 06 de agosto de 2021."



**Para Elaine Cristina, Eloiza Temóteo, Jéssy Santos,
Ohana Sancho, Paulo de Souza e Rafaely Santos,
que me ajudam a saltar.**

Juliana Veras



The image features a light beige background with a subtle, mottled texture. In the top-left and bottom-right corners, there are decorative elements consisting of multiple thin, parallel, wavy lines in a vibrant red color, creating a sense of movement and depth.

“Todo mundo tem um fio de ouro que se chama
intuição. Esse fio tem cor, temperatura, e tem o
tamanho da extensão infinita da alma humana.”

**(Oniromante - Ariadne e as Cartografias de
um Labirinto. VERAS, Juliana, 2020, p. 2 e 26).**



Ariadne - Cartografias de um Labirinto

Companhia Crisálida de Teatro

Sinopse do espetáculo

Enfrentamento. Sonho. Ruptura.

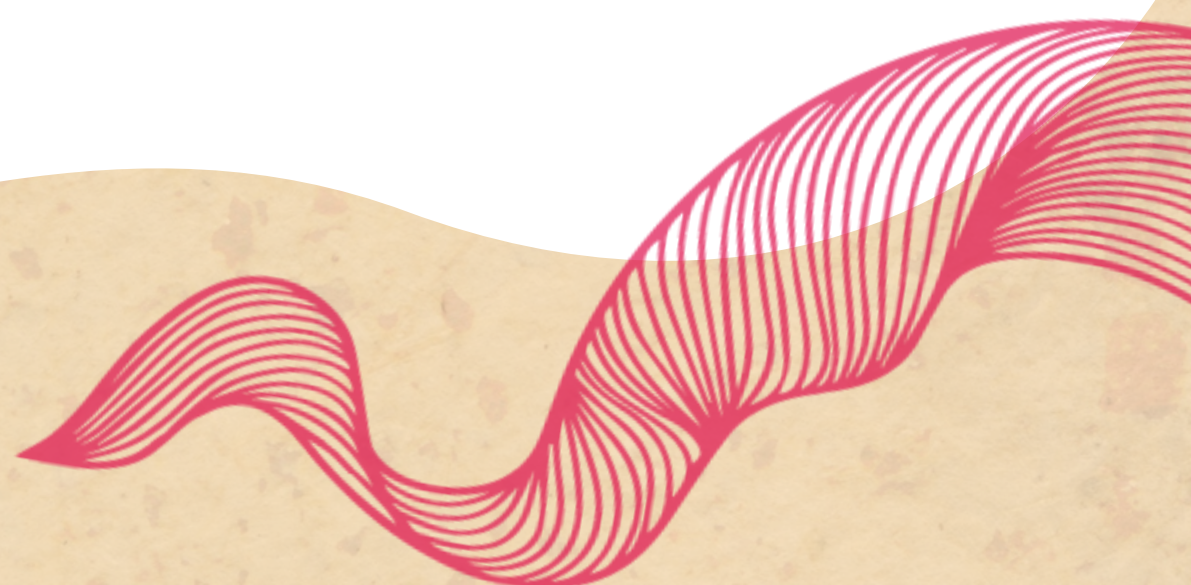
Em um mar de tempestades e dúvidas, quais horizontes vislumbramos?
Quando os padrões antigos já não servem mais, que caminhos nos é permitido percorrer?
Quais as consequências de enfrentarmos nossos monstros e os monstros sociais na luta por uma vida mais justa?

“Ariadne - Cartografias de um Labirinto” é um convite a uma navegação de desbravamento de si e do mundo, inspirada na força dionisíaca da celebração do encontro.

Em meio a um mar de descobertas, paixões e desejos de mudança, Ariadne insurge contra um ciclo de violência vivido dentro de sua família. Ela enfrenta o silenciamento da mãe, a alienação inocente da irmã, o abuso de poder do pai, e o terror das violências cometidas por um irmão oprimido e criado para ser uma máquina de destruição.

O espetáculo mergulha no mito do fio de Ariadne, redesenhando rotas de possibilidades para percorrer os desafios dos tempos labirínticos em que vivemos, mirando a coragem e a intuição.

– Vamos embarcar juntos?



NA BOCA DO MINOTAURO

“Hora de olhar a chuva. De ver o céu escurecer.
Hora de cavar os abismos da alma com a pá do silêncio.
Esse é o momento mais delicado do nosso Labirinto.”

(**Oniromante - Ariadne e as Cartografias de um Labirinto**. VERAS, Juliana, 2020, p. 34.)

O espetáculo ***Ariadne - Cartografias de um Labirinto***¹ é uma montagem da Companhia Crisálida de Teatro, grupo de artistas do Ceará, que estreou no segundo semestre de 2021. Sua dramaturgia foi extraída do texto original *Oniromante - Ariadne e as Cartografias de um Labirinto*, que escrevi na minha casa em Fortaleza-CE e na Casa do Sol - Instituto Hilda Hilst em Campinas-SP, entre os dias 17 de novembro de 2019 (às 8h21min a.m.) e 04 de setembro de 2020 (às 9h11min a.m.).

A pesquisa que gerou as duas obras teatrais, texto original *Oniromante...* e peça *Ariadne...*, iniciou antes da escrita, e foi realizada de forma coletiva por Elaine Cristina, Eloiza Temóteo, Jéssy Santos, Juliana Veras, Ohana Sancho, Paulo de Souza e Rafaely Santos, integrantes do grupo. Nossa meta era a pesquisa e montagem de um espetáculo pela Companhia Crisálida sobre o mito de Ariadne e Dioniso, considerando seus desdobramentos temáticos na atualidade, em conexão com a personalidade dos artistas envolvidos. O percurso do trabalho foi atravessado pela pandemia mundial de covid-19, donde, devido ao isolamento social, adaptações precisaram ser feitas, acarretando numa estreia dupla do espetáculo *Ariadne...*: no formato virtual, em 19 de setembro de 2021, e presencial, em 11 de novembro de 2021, na cidade de Fortaleza.

¹ Ficha técnica do espetáculo *Ariadne - Cartografias de um Labirinto*: **Encenação, Dramaturgia e Direção**: Juliana Veras | **Assistência de Direção**: Elaine Cristina | **Elenco**: Elaine Cristina, Juliana Veras, Ohana Sancho, Paulo de Souza e Rafaely Santos | **Composição Musical, Direção Musical e Preparação Vocal**: Juliana Veras | **Preparação Corporal e Coreografia**: Paulo de Souza e Rafaely Santos | **Sonoplastia e Cenografia**: O grupo | **Figurino**: Ruth Aragão | **Iluminação**: Thyago Câmara | **Design, Identidade Visual e Fotos**: Tim Oliveira | **Divulgação, Marketing e Redes Sociais**: Elaine Cristina, Juliana Veras, Ohana Sancho e Rafaely Santos | **Produção Executiva**: Eloiza Temóteo e Jéssy Santos | **Coordenação de Produção**: Juliana Veras e Rafaely Santos | **Pesquisa, Produção Geral e Realização**: Companhia Crisálida de Teatro – Elaine Cristina, Eloiza Temóteo, Jéssy Santos, Juliana Veras, Ohana Sancho, Paulo de Souza e Rafaely Santos. PROJETO APOIADO PELO VII EDITAL DAS ARTES DE FORTALEZA – SECULTFOR – Lei nº 10.432/2015.

Toda essa trajetória é descrita e analisada na dissertação *ARIADNE - CARTOGRAFIAS DE UM LABIRINTO DA COMPANHIA CRISÁLIDA DE TEATRO: DRAMATURGIA E ENCENAÇÃO*². Hoje, 2023, a peça continua circulando em apresentações, e o grupo começa a investir na possibilidade da montagem de *Oniromante...*, dando continuidade à pesquisa.

Revisitar o processo criativo de *Ariadne - Cartografias de um Labirinto* faz com que eu me sinta, ao mesmo tempo, não mais apenas útero, parteira e barqueiro Caronte, mas uma cirurgiã de uma parte do corpo humano muito delicada e vital, como o cérebro ou o coração. Do ponto de vista da dramaturga e encenadora, trabalharei agora diretamente com o material orgânico do espetáculo, composto por falas, rubricas, descrições de atmosferas e alinhamentos de cena, ou seja, seu texto modelado para montagem pelo grupo sob minha guiança.

Nas palavras de Ricardo Guilherme, “Em Teatro a estreia e também a temporada toda são processos. Nunca produto. Teatro é um ser vivo, um acontecimento de representação, vulnerável aprendizado, efêmero, tragicamente gerúndio.”³ O material que foi ao palco quando a peça foi gravada, em 06 de agosto de 2021 – cujo endereço eletrônico está vinculado a este trabalho –, naturalmente passou por alterações ao longo do tempo. Trazendo o enfoque para o resultado do espetáculo no presente de 2023, que está vivo e em constante ressignificação, opto por apresentar a versão textual mais recente, atualizando-a até o último momento desta escrita. Todo instante em que se pensa sobre o material de criação ele está sendo reconfigurado, e a única cirurgia possível de fazer esta operação é a artista viva no momento da criação, na companhia dos outros artistas criadores envolvidos.

À dramaturgia viva, então.

Juliana Albuquerque Veras
Fortaleza, 16 de setembro de 2023

² Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - Campus Fortaleza, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestra em Artes. Área de concentração: Artes. Orientador: Prof. Dr. Gilson Brandão Costa. Coorientador: Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo.

³ GUILHERME, Ricardo. Fortaleza, 17 set. 2023. Facebook: Ricardo Guilherme. Disponível em: <https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid026PLvQ8VLqNz6zKJjd3J2ivALaxSxKjiRorSHDyotKbHktpLadfQcyxTjH7MMpRPfl&id=100000891945353&mbextid=Nif5oz>. Acesso em: 18 set. 2023.

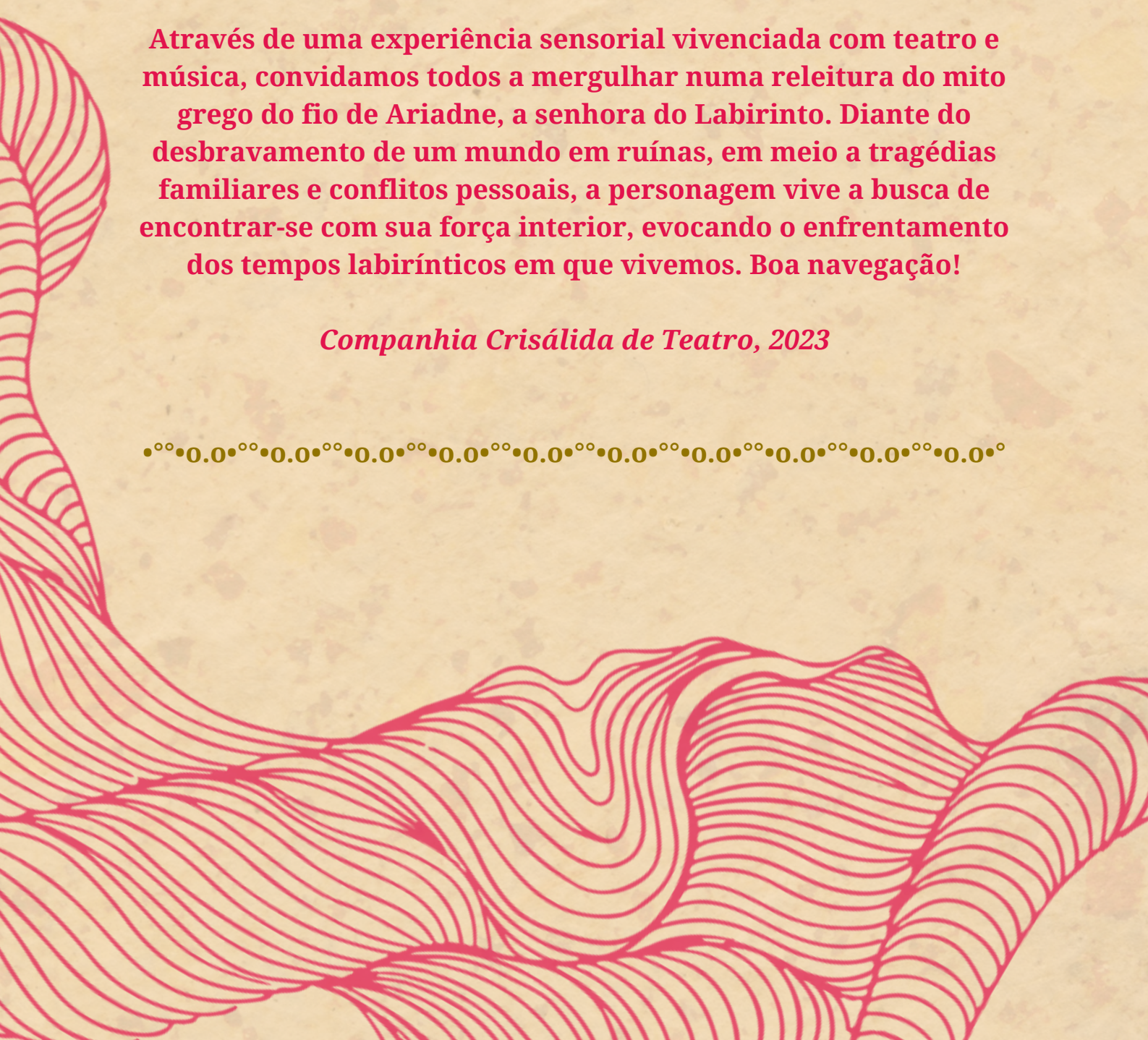


•°•0.0•°•0.0•°•0.0•°•0.0•°•0.0•°•0.0•°•0.0•°•0.0•°•0.0•°

Através de uma experiência sensorial vivenciada com teatro e música, convidamos todos a mergulhar numa releitura do mito grego do fio de Ariadne, a senhora do Labirinto. Diante do desbravamento de um mundo em ruínas, em meio a tragédias familiares e conflitos pessoais, a personagem vive a busca de encontrar-se com sua força interior, evocando o enfrentamento dos tempos labirínticos em que vivemos. Boa navegação!

Companhia Crisálida de Teatro, 2023

•°•0.0•°•0.0•°•0.0•°•0.0•°•0.0•°•0.0•°•0.0•°•0.0•°•0.0•°



The background of the entire page is a light beige or cream color with a subtle, mottled texture. Overlaid on this background are two large, flowing, wavy lines in a vibrant red color. These lines originate from the left edge and curve upwards and then downwards, creating a sense of movement and fluidity. The lines are composed of many closely spaced, slightly curved strokes, giving them a textured, almost fabric-like appearance.

“A dramaturgia é o outro lado do espetáculo, o seu avesso invisível que, como um objeto côncavo, implica uma complementaridade convexa.” (PAIS, 2016, p. 23).

ARIADNE – CARTOGRAFIAS DE UM LABIRINTO

Companhia Crisálida de Teatro, 2021

Por Juliana Albuquerque Veras

Colaboração de Elaine Cristina, Eloiza Temóteo, Jéssy Santos,
Ohana Sancho, Paulo de Souza e Rafaely Santos

CENÁRIO

Porto onírico (espaço geral de apresentação, envolvendo palco e
plateia)

Barco dos Piratas-xamãs (o palco montado, que simula todos os outros
cenários)

Quarto de Ariadne

Praia de Creta

Labirinto do Minotauro

Corte do rei Minos no palácio de Creta

Câmara do Minotauro no centro do Labirinto

ELENCO

Atriz/Ator Performer (Apelido) – Personagens*

Elaine Cristina (Elaine) – Pirata-xamã, Pasífae, Ariadne, Minotauro

Juliana Veras (Ju) – Pirata-xamã, Ariadne, Minos

Ohana Sancho (Ohana) – Pirata-xamã, Ariadne, Fedra

Paulo de Souza (Paulo) – Pirata-xamã, Teseu, Minos, Minotauro

Rafaely Santos (Rafa) – Pirata-xamã, Ariadne

*SOBRE AS PERSONAGENS:

PIRATAS-XAMÃS⁴ – *A alma do espetáculo. Os Piratas-xamãs, ou somente Xamãs, são poetas-rapsodos, narradores, atravessadores e disseminadores do conhecimento, cuja essência é completada pelo encontro com o público. No espetáculo, sua existência é um desmembramento simbólico do fio de Ariadne, que representa o conhecimento, a sabedoria, a intuição, a imaginação e o poder da criação.*

ARIADNE – *Princesa de Creta, filha de Pasífae e Minos; alter ego e amor de Dioniso. Ariadne (do grego, “a mais pura, a mais sagrada”) representa no espetáculo o arquétipo do ser humano em trânsito da realização dos desejos de sua alma. Sonhadora errante, não se contamina com o conformismo ou com a perda dos valores humanos. Ela questiona, sente e enfrenta, aí está sua pureza. E ela erra, vamos até a dor das consequências de seus atos, as encruzilhadas de suas dúvidas e questionamentos maiores. Ariadne é a Senhora do Labirinto.*

⁴Sobre os PIRATAS-XAMÃS, estudo e concepção original para a peça *Oniromante - Ariadne e as Cartografias de um Labirinto*: “Os piratas-xamãs são criaturas híbridas, de gêneros indefinidos. Representam a disseminação do conhecimento. Mestres da comunicação e da oralidade, são o elemento de narrativa épica que traz o olhar crítico distanciado do espetáculo, provocando reflexões fundamentais.

“De maneira aparentemente contraditória, vivem suas vidas numa atmosfera de aventura efusiva e eloquente. Há erotismo, disputa, crítica, deboche, riso, mistério, fatura e embriaguez, e sempre há a hora das histórias que provocam medo. São pessoas extremamente irreverentes, mas é a irreverência deles em contraste com a preciosidade do que contam que dá o tempero da cena. A contradição aqui é necessária, é dialética, e a dialética possibilita o conhecimento.

“São amantes da ancestralidade e da fruição comum a todos. Fazem alusão à pirataria marítima (democratização de terras, alimentos e fontes de conhecimento), à pirataria cibernética (hackers e a lei do software livre) e à pirataria sideral (ainda ficcional, mas inspirando ao que provoca a ampliação das viagens espaciais). Em ideologia, são uma espécie de saqueadores pela redistribuição de bens, praticando biopirataria e outras formas de coletivização do conhecimento. Vão de encontro, por exemplo, ao rei Minos, que não quer apenas ter o monopólio da terra, mas dos ideais dos cidadãos de Creta. Os piratas lutam pelo contrário, acreditam que o homem não pode querer ter nem a posse da terra, quanto mais do pensamento.

“No espetáculo, a existência dos piratas-xamãs é um desmembramento simbólico do fio de Ariadne, que representa o conhecimento, a sabedoria, a intuição, a reflexão, a imaginação e o poder da criação. O Labirinto representa a prisão metafísica, física, psicológica, ideológica e social, e o fio é uma forma de sair do Labirinto.

“Serão os piratas-xamãs e os piratas tirrenos aspectos diferentes da mesma humanidade? Quando narram as histórias dos piratas tirrenos, estarão os piratas-xamãs em parte falando de si mesmos? Icemos as velas diante desses questionamentos.

“– Todos a bordo? ... Boa navegação!” (*Oniromante* - Anotações em arquivos de texto, 2020.)



PASÍFAE – Rainha de Creta; mãe de Ariadne, Fedra e o Minotauro; esposa do rei Minos. Submissa aos mandos do rei, teve uma dolorosa e complexa relação com um Touro, o que a fez conceber um filho fora do casamento. Ela se pune pelo sofrimento do filho Minotauro, e corajosamente aguenta calar-se na esperança de que suas outras filhas sobrevivam e possam romper o ciclo da dor. No espetáculo, Pasífae é a ancestralidade de Ariadne responsável por fazê-la herdar o fio de ouro da intuição.

TESEU – Herói príncipe de Atenas, amante de Ariadne. Representa a paixão, a esperança e o empoderamento bélico, e traz para o espetáculo o impulso de coragem em Ariadne, inspirando-a através do amor a ouvir sua própria intuição.

MINOS – Rei de Creta, pai de Ariadne e Fedra, esposo de Pasífae. Representação do patriarcado, o fascismo, a corrupção e o autoritarismo, contra o que Ariadne insurge em enfrentamento.

FEDRA – Irmã caçula de Ariadne, filha de Pasífae e Minos. Representa a infância, a inocência, a esperança e a inconsequência. No espetáculo, é a presença de Fedra e a necessidade de protegê-la que acende em Ariadne o estopim da urgência para agir.

MINOTAURO – Irmão de Ariadne, filho bastardo de Pasífae, homem-touro e abominação de Creta. Vítima maior da opressão de Minos, é um ícone representativo da maldade humana e da injustiça social. Para Ariadne, o irmão Minotauro assemelha-se à contradição de um mundo corrompido, diante do qual ela se pergunta se deve destruir ou curar.





ARIADNE – CARTOGRAFIAS DE UM LABIRINTO

CENA 1 CHEGADA

Personagens: Piratas-xamãs/Elaine, Ju, Ohana, Paulo e Rafa.

Cenário: Porto onírico; Barco dos Piratas-xamãs.

O espaço de apresentação simboliza um porto onírico, onde se encontram os barcos-almas de cada pessoa que se fará presente. Do lado de fora, os espectadores ouvem sons que simulam elementos da natureza em movimento: o mar, labaredas de fogo e folhagens ao vento. Quando entram, vêem os atores performers ao centro, tocando instrumentos, iluminados em penumbra por uma luz azulada. São os Piratas-xamãs, evocando a atmosfera náutica de desbravamento e poesia que inicia o ritual do espetáculo. Da esquerda para a direita, Xamã/Paulo toca o agogô artesanal, Xamã/Elaine toca o pau-de-chuva, Xamã/Rafa toca o metalofone, Xamã/Ohana toca o sopro no cano de eletroduto e Xamã/Ju toca a alfaia.

O público se acomoda em cadeiras dispostas em semi-arena, que abraçam o palco formado por um largo círculo de garrafas de vinho verdes e instrumentos musicais diversos, distribuídos ao chão, ao longo de toda a borda do espaço cênico. Com exceção de cinco garrafas, que contém vinho, todas as outras estão cheias de areia. Metaforicamente, elas contém a representação de Dioniso-Teatro, o Mar, o Tempo, o sonho de Ariadne, o Labirinto e toda a história que será contada.

Em meio à sonoridade que chama a força da natureza e os quatro elementos, ouve-se o canto: “Ditirambo”. A seguir, um canto-procissão nas águas: AS MÃOS PERFUMADAS DE DIONISO. É uma oniromancia musical entoada pelos Xamãs, que celebram intimamente a chegada do público, vendo-o como barcos-almas que vêm de longe para aquele encontro. Ali, todos são Dioniso, e Dioniso é Teatro.

As mãos perfumadas de Dioniso são

Uma concha de mar

Uma concha de mar

Uma concha de mar...



O canto é entoado repetidas vezes até o público acomodar-se. Os Piratas-xamãs vêm para a frente do palco, na intenção de estarem todos na proa do barco. A Pirata-xamã/Ohana destaca-se.

PIRATA-XAMÃ/OHANA. É muito bom poder estar aqui. Não é? Foi difícil chegar. Será que a gente tem noção de como é preciosa a vida de cada um de nós? Será que cada um aqui tem noção de como é preciosa a sua própria vida? E de como é precioso cada um poder simplesmente estar aqui.

Os Piratas-xamãs se olham com cumplicidade e mistério, e apanham as garrafas com vinho.

PIRATA-XAMÃ/OHANA. **É hora!** (Incita reações.) **Que comece a nossa navegação!**

TODOS. Que comece / a nossa navegação!!

Festivos, os Xamãs brindam e bebem um gole.



CENA 2

VEM PRO MAR

Personagens: Piratas-xamãs

Cenário: Barco dos Piratas-xamãs.

A Pirata-xamã/Ju pega a Gohda, um violão Eagle folk cordas de aço, e começa a tocar puxando um ritmo de cavalgada. Enquanto cantam efusivos a música VEM PRO MAR, os outros Xamãs reorganizam os objetos no espaço, estabelecendo três ilhas de garrafas em três pontos no centro da cena. O início da movimentação dos corpos é inspirado num redemoinho em alto-mar, cujo centro é marcado pela Pirata-xamã/Rafa girando em sentido horário com duas garrafas de vinho, em torno da qual giram os outros Xamãs em suas ações.

*Existe um mundo inteiro
Um vasto mundo inteiro
Querendo silenciar
A teia,
O fio
Que leva ao coração*

*Existe uma urgência
Uma súbita emergência
Lutando para re-sis-tir:
É a vida,
O pensamento que conecta
E te leva a perceber*

*Acorda, meu amigo!
Acorda, minha amiga!
Sai desse porão
E vem pro mar! (3x)*



Todos saem de cena, exceto Pirata-xamã/Ju.

•°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°

CENA 3

CABOS CONECTORES

Personagens: Piratas-xamãs

Cenário: Barco dos Piratas-xamãs.

PIRATA-XAMÃ/JU. Hoje eu acordei e tive um sonho estranhíssimo. De hoje pra amanhã é o aniversário da morte do meu irmão. Então, eu já acordei meio assim. Olha só que coisa, eu sonhei com cabos conectores. Fiquei besta. Assim, coloridos. Fios de todas as cores. Um monte de cabos. Louca, né, a nossa cabeça? Sonhar com fios conectores. Aí o meu irmão, ele morreu de hoje pra amanhã. Enfim, tenho muita saudade.

Pirata-xamã/Elaine entra em cena trazendo uma última garrafa, para compor as ilhas.

PIRATA-XAMÃ/ELAINE. Eu acho que esse sonho... Esses cabos representam a conexão, né, da vida. A conexão de qualquer fluido. Esses vários cabos coloridos, pra eu me lembrar das possibilidades de conexão. Como a gente se vê agora pelas máquinas, acho que o sonho foi uma metáfora meio de eletricista. (Risos.) Dá uma saudade... Das pessoas, do teatro, da gente que se encontrava sempre. E que voltou a se encontrar. As conexões.

•°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°

CENA 4

FIO DE OURO

Personagens: Piratas-xamãs

Cenário: Barco dos Piratas-xamãs e quarto de Ariadne.

Ouve-se a música FIO DE OURO, tocada inicialmente pela Pirata-xamã/Ju na flauta doce contralto Shelmerdine. Como enfeitiçado pelo som da flauta, Pirata-xamã/Paulo vem até uma das ilhas, abaixa-se e, cerimoniosamente, derrama a areia das garrafas num ponto específico no chão do palco, construindo uma ilha de areia. As vozes dos Xamãs ecoam suavemente, cantando numa progressão de emoção, mistério e festa.

Tenho um sonho em mim

Gigante

Que me abraça como o céu

E como o céu

Me deixa quase... só

Não fosse a lembrança de ti

Não fosse a lembrança...

É pela lembrança

Desse acalanto

Que um mar de pranto

Não - vai - me - to-mar

A música cresce, com a entrada da percussão tocada pelos Xamãs em ritmos de maracatu cearense. Ju toca a alfaia, Rafa toca o pau-de-chuva, Elaine toca o triângulo, e Ohana toca garrafas de vidro com pedras. Os instrumentos seguem a progressão das vozes.

Eu vou beber esse mar!

Eu vou beber esse mar!

Meu sonho é alegria

Vibrante nostalgia

Impulso eterno de brincar

Meu fio de ouro

Me leva a ti

Percorre os caminhos

Desse Labirinto

Até te encontrar...

Até te encontrar...



A criação da ilha de areia se conclui.

PIRATA-XAMÃ/PAULO. *“Pareceu então que nós caímos num Labirinto. Pensamos que era o fim, mas nosso caminho se retorceu e nos encontramos como no início, tão longe do que a gente procurava quanto ao partir.”* (Platão, Eutidemo.)

Ao final da fala, Pirata-xamã/Ohana toca a melodia de O SOL DA TUA ILHA na flauta doce contralto 2. Ao som da música, Xamã/Paulo convoca Ju para interpretar Ariadne, trazendo-a para a cena e girando-a com a mão. Ariadne/Ju vem, e encanta-se com Xamã/Paulo, com o próprio corpo e com o espaço, que passa a ser o quarto de Ariadne.



CENA 5

UM GRITO PRESO NA GARGANTA

Personagens: Ariadne e Pasífae.

Cenário: Quarto de Ariadne.

Ao som da música, Ariadne/Ju vai até a ilha de areia e colhe delicadamente um punhado de grãos. Depois, vai ao público como num delírio onírico dançante. Sensação de maravilhamento e partilha.

*ARIADNE/JU. **Eu sonhei com um fogo. Sabe um fogo, que ilumina e aquece. Incendeia... mas não queima. Sonhei com um mar que envolve, que abraça. Que inunda até, só que não sufoca. Não afoga.***

Volta à ilha de areia, e brinca de dar-lhe formas que simulam os elementos de seu sonho.

*ARIADNE/JU. **Eu sonhei... com um vento.... que sopra, que canta, que leva, que arrasta enquanto acaricia... E sonhei... com o mesmo rosto. Que me chama. Me chama...***

*PIRATA-XAMÃ/OHANA. (Canta.) **“Diritirambo.”***

*ARIADNE/JU. ... **só que eu não consigo ver onde ele está...***

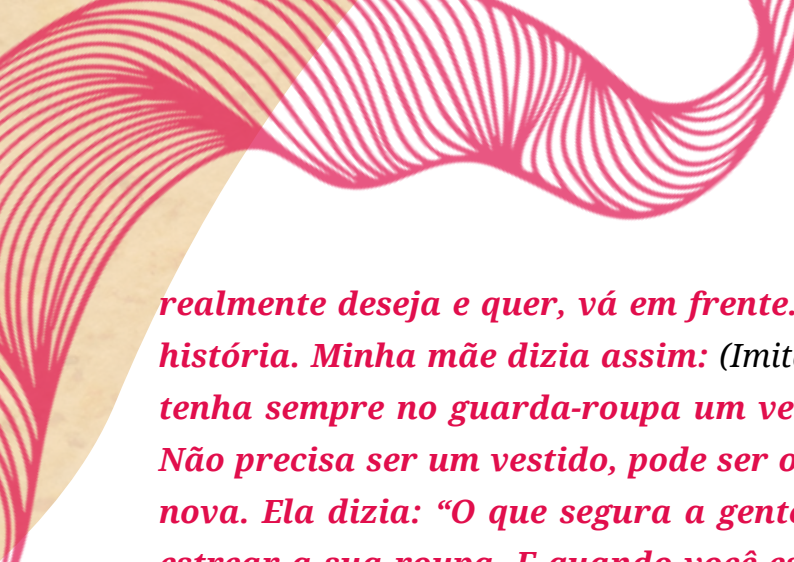
*PASÍFAE/ELAINE. **Ainda.***

Pirata-xamã/Paulo começa a tocar uma melodia na Gohda, evocando em suas cordas de aço uma suspensão lúdica de contação de história, com gostinho de memória boa.

*PASÍFAE/ELAINE. **Mas não vai desistir.***

Pasífae/Elaine entra em cena. Se olham com cumplicidade.

*PASÍFAE/ELAINE. **Ariadne, quando estiver diante do seu sonho, do que você***



realmente deseja e quer, vá em frente. Viva. Ele é seu. Eu vou te contar uma história. Minha mãe dizia assim: (Imita a própria mãe.) “Pasífae, minha filha, tenha sempre no guarda-roupa um vestido novo. Todo mundo tem que ter.” Não precisa ser um vestido, pode ser outra peça de roupa, contanto que seja nova. Ela dizia: “O que segura a gente viva é ter um projeto a concluir pra estreiar a sua roupa. E quando você estreia tem que arranjar logo outra, só pode estreiar se tiver outra.” O que impulsiona a gente a viver é um sonho pra realizar, sempre.

O violão para. Pasífae/Elaine aprofunda o olhar para a filha.

PASÍFAE/ELAINE. Seus olhos... me lembram tanto o seu irmão.

ARIADNE/JU. Meu irmão? Mãe. Você nunca fala sobre o que aconteceu. (Tempo.) O que aconteceu, Pasífae? Fedra pergunta às vezes.

PASÍFAE/ELAINE. Sua irmã é pequena demais pra entender.

ARIADNE/JU. Todo mundo pergunta.

Todos cochicham em sussurro, repetidas vezes: “Todo mundo pergunta”.

ARIADNE/JU. Eu não entendo por que tanto silêncio.

Pirata-xamã/Paulo começa a tocar novamente. As cordas de aço da Gohda evocam agora uma tensão reflexiva, acompanhando ao mesmo tempo a indignação de Ariadne e a sensação de impotência de Pasífae. As duas sufocam. Enquanto Ariadne/Ju fala com fúria crescente compartilhada com o público, indignada pelo que não consegue compreender nem mudar, Pasífae/Elaine mexe na areia, tentando resgatar a forma original da ilha, agonizando gradativamente por perceber que está tentando disfarçar algo impossível de ser mascarado.

ARIADNE/JU. Tem muita coisa errada acontecendo por trás dessas paredes. Já não basta a vida ser simplesmente difícil, a gente ainda tem que calar? De que adianta ter a roupa pra estreiar e não usar nunca? De que serve a boca



pra falar se eu não posso falar, se eu não tenho como falar, se ninguém vai me escutar, pra mim chega! Eu não aguento mais!

A filha olha para a mãe e interrompe-se bruscamente, percebendo que a mãe sofre. O violão para. Pasífae/Elaine olha Ariadne/Ju e, recompondo-se com dificuldade, canta para ela a canção O SEU CAMINHO.

PASÍFAE/ELAINE. *Você vai
Seguir o seu caminho
E não importa aonde chegue
Você vai*

Ariadne/Ju aproxima-se de Pasífae/Elaine na ilha de areia e abaixa-se à sua frente. Com as mãos, liberta as mãos da mãe que estavam crispadas de tanto proteger a ilha. As duas cantam, acompanhadas pelos Xamãs. Pasífae/Elaine colhe uma concha de areia com as mãos e a derrama sobre as mãos da filha em concha, simbolizando um amoroso passar do tempo, evocando conexão e ancestralidade. Ariadne/Ju levanta-se, e devolve a mesma areia, derramando-a nas mãos de Pasífae/Elaine em concha, enquanto rodeia seu corpo.

Os Xamãs murmuram a música. Cerimoniosamente, Pasífae/Elaine entrega para Ariadne/Ju o “Oniromante”, um amuleto feito com filtros dos sonhos entrelaçados, que representa o Fio da intuição de Ariadne, herdado de mãe para filha.

PASÍFAE. É. Você conhece o caminho.

Pasífae/Elaine sai de cena. Ariadne/Ju admira o Oniromante e o mostra para o público.



CENA 6

VINDO DAS ESTRELAS

Personagens: Ariadne e Teseu.

Cenário: Praia de Creta.

Ouve-se a voz das Piratas-xamãs Elaine, Ohana e Rafa.

***Eu nem esperava
E você já tava ali
Vindo das estrelas...***

Teseu-Paulo ergue-se e começa a tocar castanholas. Ele entra em cena, Ariadne/Ju toca o pandeiro, Xamã/Ohana toca o agogô e Xamã/Elaine toca os ovinhos, puxando uma capoeira dançada e aconchegante. Teseu/Paulo e Ariadne/Ju sentem a presença ardente um do outro, e dançam uma perseguição, fuga e aproximação sutil e sensual, enquanto os Xamãs cantam a canção VINDO DAS ESTRELAS.

***Eu nem esperava
E você já tava ali
Vindo das estrelas...***

***Me deu calor pra minha noite!
Me deu a sombra pro meu dia!
Me deu a água pra mi'a sede!
Me deu o gozo que eu queria!***

***Pegou bem firme a minha mão
E veio um fogo que espantou a solidão
Que trouxe brisa para o meu sertão
E um calor que incendiou meu coração...***

Ariadne/Ju chama Ariadne/Rafa para a cena, transferindo a personagem. A partir de agora, todas as Ariadnes estão usando o amuleto Oniromante. A dança de Teseu/Paulo e Ariadne/Rafa assume tons sensuais e belicosos.

*Eu nem esperava
E você já tava ali
Vindo das estrelas...*

*Me deu calor pra minha noite!
Me deu a sombra pro meu dia!
Me deu a água pra mi'a sede!
Me deu o gozo que eu queria!*

*Pegou bem firme a minha mão
E veio um fogo que espantou a solidão
Que trouxe brisa para o meu sertão
E um calor que incendiou meu coração
E um calor que incendiou meu coração
E um calor... que incendiou meu coração.*

Ariadne/Rafa e Teseu/Paulo vão ao chão. Xamã/Ju começa a tocar as cordas de aço da Gohda, evocando paixão e sensualidade.

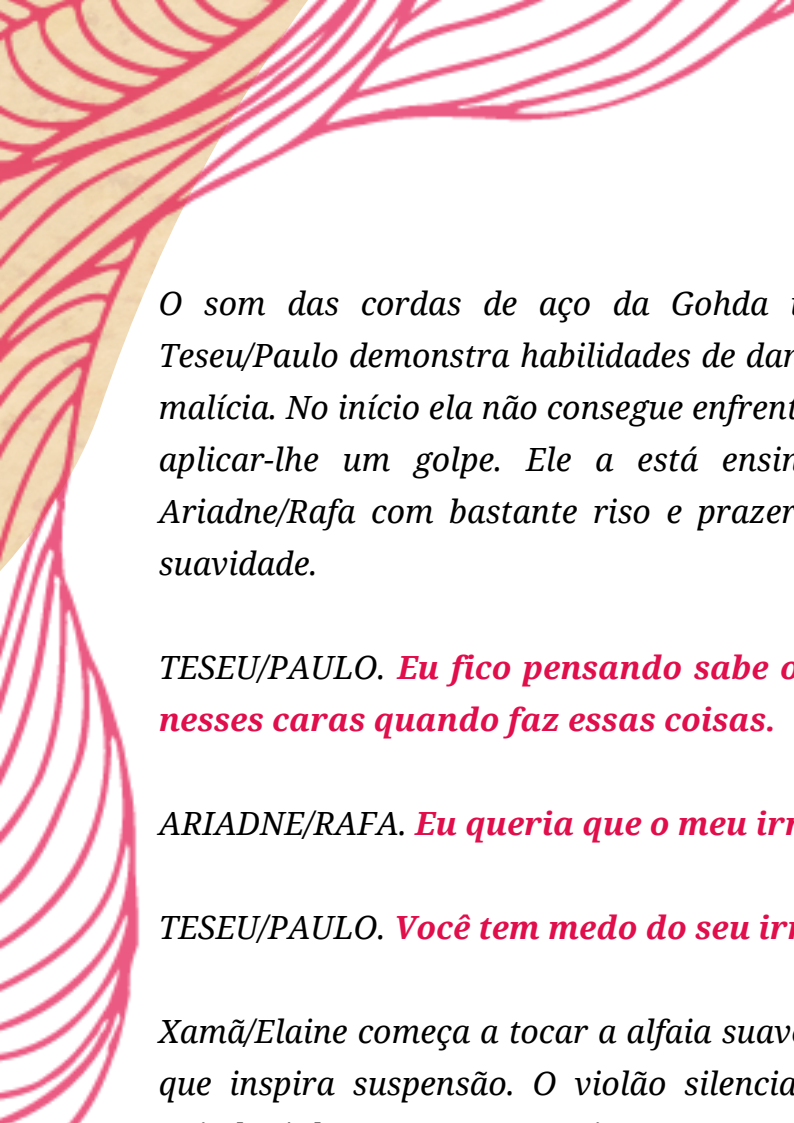
ARIADNE/RAFA. Dizem que tem mais estrelas no universo do que grãos de areia na Terra. E que o cérebro da gente possui mais conexões do que as estrelas da Via Láctea inteira. E ela é só uma galáxia! O universo tem bilhões. Como é que pode isso?

TESEU/PAULO. Que bom que a gente está aqui. Concretamente aqui.

ARIADNE/RAFA. Eu estou concretamente olhando as estrelas.

A atmosfera de romance no violão e na cena começa a migrar para uma leve tensão, sem perder a sensualidade.

ARIADNE/RAFA. Então! Quer dizer que você é o famoso herói Teseu. Que já venceu esses desafios todos. Que corta, estica, trucida. Que mata!



O som das cordas de aço da Gohda intensificam, inspirando combate bélico. Teseu/Paulo demonstra habilidades de dança e luta. Ele e Ariadne/Rafa sorriem com malícia. No início ela não consegue enfrentá-lo, mas segue como uma brincadeira até aplicar-lhe um golpe. Ele a está ensinando a lutar, e desfazem o golpe de Ariadne/Rafa com bastante riso e prazer. O violão volta a assumir atmosfera de suavidade.

TESEU/PAULO. *Eu fico pensando sabe o quê? Você se transforma exatamente nesses caras quando faz essas coisas.*

ARIADNE/RAFA. *Eu queria que o meu irmão fosse diferente.*

TESEU/PAULO. *Você tem medo do seu irmão?*

Xamã/Elaine começa a tocar a alfaia suavemente, simulando uma batida de coração que inspira suspensão. O violão silencia. Ariadne/Rafa cede a personagem para Ariadne/Ohana, que se aproxima em ação performática.

ARIADNE/OHANA. *Eu queria que o meu irmão fosse diferente, sabe? Parece que tudo que ele faz é um reflexo do que ensinaram pra ele.*

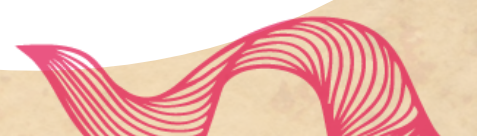
TESEU/PAULO. *Você tá com pena do seu irmão?*

A alfaia silencia e o violão retorna com uma tensão, à medida que o diálogo sobre o Minotauro se aprofunda.

ARIADNE/OHANA. *Não é você que tá preso lá dentro. Nem eu. Ele tá confinado naquele inferno. Morrendo de fome. De sede. Morrendo de raiva. (Noutro tom.) Morrendo de medo.*

TESEU/PAULO. *Ariadne. Ele virou uma arma nas mãos do Minos. (Violão silencia.) Você... conhece o Labirinto?*

ARIADNE/OHANA. *Eu posso entrar e sair de lá. Mas você tem que entender que o meu irmão é muito forte. Não é só força física. Tem alguma coisa nele, uma*



tristeza tão grande que parece que o chão se abre embaixo dos pés. Uma tristeza que dói, sabe? Como um golpe.

O violão entra mansamente, atingindo notas mais agudas, intensificando o envolvimento dos dois.

TESEU/PAULO. *Tem medo não, Ári. O Minotauro não é mais forte do que tudo que a gente enfrentou pra chegar até aqui.*

O instrumental segue quando as personagens silenciam. Teseu/Paulo e Ariadne/Ohana se olham demoradamente, e se afagam como se compartilhassem uma íntima infusão de força. Ariadne volta a si, e a coragem despertada gera uma erupção de angústia crescente durante sua fala.

ARIADNE/OHANA. Ele tem que ser liberto. Ninguém aqui tem voz, em todo canto só se escuta esse medo. Eu preciso fazer alguma coisa, não posso ficar aqui. Se eu ficar, vou apodrecer, eu vou morrer! Quanto mais o tempo passa, mais uma coisa vai morrendo aqui por dentro. Eu não aguento mais!

TESEU/PAULO. *Calma! Esse medo pode ser enfrentado.*

Teseu/Paulo a acolhe nos braços. Ela o acompanha até os dois vislumbrarem a ilha de areia, como se olhassem em direção ao Labirinto.

TESEU/PAULO. *Você conhece o caminho.*

Xamã/Ju canta e toca nas cordas de aço da Gohda a melodia da música O SOL DA TUA ILHA. Piratas-xamãs/Ohana e Paulo assumem a cena, afastam-se um do outro e saem.



CENA 7

O SOL DA TUA ILHA

Personagens: Pasífae e Minos.

Cenário: Labirinto do Minotauro.

Pasífae/Elaine entra em cena ao som da canção O SOL DA TUA ILHA, executada em voz e violão por Ju e o coro dos outros Piratas-xamãs. A mãe do Minotauro está agora dentro do Labirinto. Machucado e faminto, ele é mantido em cativeiro para devorar as vítimas de Minos. Com um lenço na mão, Pasífae aproxima-se delicadamente da ilha de areia, que neste momento representa seu filho ferido. Ela junta o morro de areia, simbolicamente cuidando dos machucados do filho, e o envolve com o lenço amorosamente, numa tentativa de cuidá-lo e protegê-lo. Ouve-se o canto dos Xamãs.

*O Sol da tua ilha
Também brilha
Aqui*

*O Sol que nasce na tua ilha
Também se põe
Aqui*

*O Sol da tua ilha
Também brilha
Aqui*

*O Sol que nasce na tua ilha
É o mesmo Sol
Daqui*



Um murmúrio doce prolonga a cena. A música se repete, até que ouvem-se sussurros sombrios, interrompendo a ação de Pasífae. Ela sente a presença de Minos, como um arrepio na espinha dorsal provocada por um espírito maligno. Minos/Paulo entra em cena, imponente. As vozes em coro de Xamãs repetem as próximas frases, como fantasmas arredios, espíritos malignos, ou reverberações da chegada soturna do rei de Creta. Ohana toca o cano de eletroduto, Rafa faz efeitos com o pandeiro, e Ju, com a alfaia.

PIRATA-XAMÃ/JU. (Em tom grave monotonal.) **As suas mãos estão cheias de vermes.**⁵

PIRATA-XAMÃ/RAFA. (Em sussurro prolongado.) **Veeermeee...**

PIRATA-XAMÃ/JU (Grave e monotonal.) e OHANA (Sussurrando.). **Você tem as mãos cheias de vermes. / Você, está cheio de vermes. / O seu corpo está cheio de vermes. / Você tem a boca cheia de vermes.**

Pasífae afasta-se temerosa, levando o lenço consigo. Minos possui luvas de couro nas mãos. Ele caminha adentrando o Labirinto sem olhar para a mulher. Metodicamente, ajoelha-se em frente à ilha e observa. Aproxima a mão da ilha, parecendo que continuaria o carinho que Pasífae fazia no Minotauro. Com mansidão e violência, fecha o punho e aplica um murro na areia, simbolicamente surrando o Minotauro, deformando o morro que a mãe juntou. Pasífae sente o murro no filho como se fosse contra si. De costas para ela, Minos determina:

MINOS/PAULO. **Se veio interceder pelo bastardo do seu filho, não tenha dúvidas.** (Levanta-se e vira para ela.) **E não perca seu tempo.**

Dentro de Pasífae cresce uma ira incontrolável contra o agressor do filho, até que ela avança subitamente para bater-lhe no rosto. Ele interrompe o golpe com força e, segurando a mão da mulher, mansamente acaricia com ela o próprio rosto.

MINOS/PAULO. **Ele vai apodrecer naquela prisão.**

Pasífae bruscamente puxa a própria mão para si, ao que Minos reage no mesmo tom, puxando-lhe o lenço que ela usou para acariciar o filho. Ele aperta o lenço na mão com força, e caminha até as costas dela, que congela, temerosa. De forma delicada e precisa, Minos envolve a cabeça de Pasífae com o lenço e a segura pela nuca, parecendo sufocá-la. O rei de Creta suspende a esposa, expondo-a como se ela fosse um troféu. É como se eles estivessem na intimidade cotidiana do próprio quarto, ou num palanque chamativo para todos verem.

⁵ Esta é uma das frases mais emblemáticas do espetáculo, pois, ao revelar podridão, gera uma antagonia com o sentido de pureza revelado na primeira frase dita em cena: "As mãos perfumadas de Dioniso são uma concha de mar". É como se, corrompido, Minos representasse ali o anti-teatro.

*Fedra/Ohana entra
DA TUA ILHA.
dissonância, com
atrevidamente, e*

CENA 8

O LABIRINTO

Cenário: Labirinto; Câmara do Minotauro.

Fedra/Ohana entra em cena alegremente, cantarolando a melodia da música O SOL DA TUA ILHA. Xamãs Ju, Elaine, Paulo e Rafa a acompanham baixinho e em dissonância, como crianças cantando e rindo divertidas. Sem receio, delicada e atrevidamente, ela apanha as garrafas e as reorganiza, montando um círculo de garrafas que passa pela ilha de areia. Fedra cria metaforicamente uma espécie de prisão no Labirinto. Se Pasífae acariciava o Minotauro por trás de alguma proteção, a filha mais nova acaba de montar a Câmara exata onde o irmão agora está.

O som da alfaia (Ju), o metalofone (Elaine) e o caxixi (Paulo) criam uma tensão crescente na cena, à medida que Fedra se aproxima para tocar o morro de areia. De repente, Ariadne/Rafa vem correndo ao seu encontro. Durante a cena, a alfaia soa em nuances suaves, sugerindo perigo.

ARIADNE/RAFA. *Espera!* (O tambor para. Silêncio.) *Espera. Saia daí!*

FEDRA/OHANA. *Não saio!*

ARIADNE/RAFA. Sai agora!

FEDRA/OHANA. Mas eu quero!



ARIADNE/RAFA. **É perigoso!** (O tambor retorna suavemente.)

FEDRA/OHANA. **O papai deixa!**

ARIADNE/RAFA. **Você é muito pequena.**

FEDRA/OHANA. **Você quer o Labirinto só pra você!**

ARIADNE/RAFA. **Fedra!** (Com temor.) **Tem um Minotauro aqui dentro.**

FEDRA/OHANA. (“Super sábia.”) **O Minotauro é um filho bastardo da nossa mãe. A culpa é toda dela!**

ARIADNE/RAFA. (Furiosa, porém, contendo-se. Madre Teresa de Calcutá.) **Essa é a história que te contam. Acha que ela se apaixonou pelo Touro? E pronto? Pensa que ela teve escolha?**

FEDRA/OHANA. **Todo mundo tem escolha, Ariadne!**

ARIADNE/RAFA. **Escuta, menina! Tu é medrosa, não conhece o caminho e vai querer voltar. E como vai tá com medo, não vai conseguir sair.**

FEDRA/OHANA. (Grita.) **Eu não tenho medo!**

Uma batida forte na alfaia traz às duas a sensação intuitiva da presença do Minotauro.

FEDRA/OHANA. **O que foi isso?**

ARIADNE/RAFA. **Fica quieta. Ele não pode saber que você tá com medo.**

FEDRA/OHANA. **... Eu tô com medo!!!**

A alfaia soa em batidas fortes compassadas, inspirando terror. Para de repente.



FEDRA/OHANA. *Ári!!!!*

Fedra/Ohana sai de cena. Rafa transfere a personagem para Elaine, que fica em seu lugar no centro do círculo de garrafas.

•°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°•0.0°°

CENA 9

O CASTELO DA DOR

Personagens: Ariadne e Minos.

Cenário: Corte do rei Minos no palácio de Creta; Labirinto; Câmara do Minotauro.

ARIADNE/ELAINE. *Todo mundo tem / uma coisa aqui dentro. Eu tenho um fio que me leva. Pra onde, não sei! / Esse fio... / O destino de todo ser humano parece uma sequência inacabável de desgraças! Desgraça!! Com a porra desse fio, eu devia era me enforcar!!*

Ouve-se uma batida forte de tambor (Juliana). Xamãs Ohana e Rafa fazem o som da “Rasga Mortalha”, uma vocalização aguda, esganiçada e contínua, que simboliza ao mesmo tempo a sensação de enforcamento/sufocamento de Ariadne, a agonia que a presença de Minos provoca, o grito de horror das vítimas do Minotauro e os demônios interiores de cada um. Ariadne/Elaine coloca-se no lugar do Minotauro, como se sentisse, através do próprio desespero, toda a dor do irmão.

Nesse momento, Ariadne vai à corte do rei Minos enfrentar o pai, a representação do Sistema corrompido, que silencia o oprimido e manipula a todos como ferramentas de opressão.

Ju e Paulo caminham em direção à ilha formando um corpo só, tornando-se a representação lúdica de como Ariadne vê Minos. Paulo e Rafa tocam triângulos, marcando batidas metálicas que amplificam a presença de Minos. Ju toca a alfaia, representando as agonias sentidas por Ariadne e o Minotauro, que se irmanam enquanto filhos oprimidos de Minos-Sistema, à medida que ela critica e se coloca empaticamente no lugar do irmão.



Xamãs/Ju, Rafa, Elaine e Ohana começam o canto “Aboio onírico”, um murmúrio que mescla, em aboio e canto lírico, a melodia da canção O SOL DA TUA ILHA. Eles cobrem seus rostos com um tecido, fazendo referência ao silêncio de Pasífae. Ariadne/Elaine permanece no centro. Xamãs se aproximam do centro com garrafas cheias de areia e circulam lentamente Ariadne, como ponteiros de um relógio que marca o tempo de ida e o tempo de volta, em atmosfera de suspensão e transe, enquanto entoam o Aboio onírico.

FICHA TÉCNICA DO ESPETÁCULO
ARIADNE - CARTOGRAFIAS DE UM LABIRINTO

Encenação, Dramaturgia e Direção:

Juliana Veras

Assistência de Direção:

Elaine Cristina

Elenco:

Elaine Cristina, Juliana Veras, Ohana Sancho, Paulo de Souza e Rafaely Santos

Composição Musical, Direção Musical e Preparação Vocal:

Juliana Veras

Preparação Corporal e Coreografia:

Paulo de Souza e Rafaely Santos

Sonoplastia e Cenografia:

O grupo

Figurino:

Ruth Aragão

Iluminação:

Thyago Câmara

Design, Identidade Visual e Fotos:

Tim Oliveira

Divulgação, Marketing e Redes Sociais:

Elaine Cristina, Juliana Veras, Ohana Sancho e Rafaely Santos

Produção Executiva:

Eloiza Temóteo e Jéssy Santos

Coordenação de Produção:

Juliana Veras e Rafaely Santos

Pesquisa, Produção Geral e Realização:

Companhia Crisálida de Teatro – Elaine Cristina, Eloiza Temóteo, Jéssy Santos, Juliana Veras, Ohana Sancho, Paulo de Souza e Rafaely Santos.

RELEASE DO ESPETÁCULO

“Hora de olhar a chuva. De ver o céu escurecer.
Hora de cavar os abismos da alma com a pá do silêncio.
Esse é o momento mais delicado do nosso Labirinto.”

(Oniromante - Ariadne e as Cartografias de um Labirinto. VERAS, Juliana, 2020, p. 34.)

Nos tempos labirínticos em que vivemos, existir é o grande desafio. Com duração de 50 minutos, “Ariadne - Cartografias de um Labirinto” faz uma releitura do mito grego do fio de Ariadne em conexão com os tempos atuais, abordando os temas do silenciamento da mulher, o abuso do poder e a ruptura dos ciclos de violências.

Através de uma experiência sensorial que evoca o teatro e a música, o espetáculo oferece ao público um passeio pelos labirintos internos e externos da existência humana, colocando a todos no trajeto de Ariadne, a senhora do Labirinto, dona do fio da intuição.

O trabalho resulta do projeto “Ariadne Rústica Hilst – um mergulho nos mares da mitologia grega e da poesia”, da Companhia Crisálida de Teatro, contemplado pela Secultfor no VII Edital das Artes de Fortaleza, 2018. A criação da dramaturgia do espetáculo é objeto de estudo no Mestrado Profissional em Artes do Programa de Pós-Graduação em Artes do IFCE, na pesquisa “Cartografia de um sonho - reescritura do Labirinto para uma dramaturgia teatral”, de Juliana Albuquerque Veras, 2021-23.

A cena propõe ampliar e ressignificar algumas questões que o mito traz, tais como o amor, a morte, a prisão, o abandono, o silenciamento, a violência contra a mulher, o abuso do poder, e a necessidade humana de seguir em frente e sobreviver.

Ariadne é movida pelo desejo de mudança. De forma sutil e metafórica, em todo o espetáculo ela anseia por encontrar-se com uma misteriosa potência transformadora que lhe aparece em sonho: seu alter ego Dioniso, a força do fio de sua intuição.

A voz interior de Ariadne engasga. Soterrada por escombros de mentiras, silêncios e autoritarismos, ela se vê presa no Labirinto físico e psicológico do desejo de sair e o medo de enfrentar.

Ao desvendar tragédias familiares e conflitos pessoais, a personagem encara a face sombria das violências geradas por um autoritarismo governamental intolerante e severo, fruto de uma sociedade de raízes estruturais deturpadas, que corrompe as relações.

A mãe Pasífae, em seu pavoroso silêncio, agoniza uma violência sofrida constantemente que ninguém sabe qual é, mas todos sabem que existe. A irmã Fedra, inocente, se perde na falsa segurança que a fragiliza diante do perigo que sequer percebe. O pai Minos, soturno, ostenta uma máscara de opressão erguida pelo autoritarismo e a corrupção. O irmão Minotauro, incompreendido, urra e sofre numa masmorra fria de dor, fome, medo e desesperança.

Em Ariadne, um poderoso grito de libertação quer ecoar. A ânsia de mudança a sufoca, algo precisa ser feito. Ela percebe que, para romper ciclos de violências ligados a antigos padrões sociais, é preciso muita força.

Diante de um mundo em ruínas, o amor parece apontar um caminho. Na contramão da dor, a paixão por Teseu chega como um acalanto. O amor inflama o coração de Ariadne com o fogo da autoconfiança e coragem para enfrentar seus medos. Através de Teseu, Ariadne encontra Dioniso dentro de si.

Assim como Ariadne, nós também ansiamos pela força dionisíaca, ansiamos pela ruptura. Em meio ao caos de ideia e ação que nos cerca, a peça promove um bálsamo afetivo e uma impulsão reflexiva sobre tempos em que a humanidade urge pelo encontro.

Sob o ímpeto de partir apesar do medo, apesar da dúvida, sabemos que o Labirinto-Sistema está lá fora à nossa espera. Ao mesmo tempo, quando nos percebemos numa sociedade distorcida pelo silêncio e a mentira, onde a liberdade é confundida com o direito de agredir, estamos também presos dentro de um Labirinto.

Utilizando a história da personagem mitológica, a Companhia Crisálida de Teatro anseia por falar dos meandros da alma humana e de questões sociais urgentes da atualidade. Através da arte, navegamos entre mares e constelações para dar ouvidos à voz da consciência, no impulso de desbravamento e subversão dos Labirintos nos quais estamos inseridos.

SOBRE A AUTORA

Juliana Albuquerque Veras nasceu em Fortaleza, Ceará, em 20 de maio de 1980. É atriz, encenadora, dramaturga, compositora, filósofa, professora, ativista da cena e pesquisadora de teatro e música. Mestranda em Artes pelo PPGARTES-IFCE. Tecnóloga em Artes Cênicas pelo IFCE. Bacharela em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará-UECE. Especialista em Arte-Educação para o Ensino da Música pela Faculdade Darcy Ribeiro. Membro fundadora da Companhia Crisálida de Teatro e do coletivo Manada Teatro, Ceará. Professora do Curso Princípios Básicos de Teatro do Theatro José de Alencar. Desde 2001 dedica-se ao trabalho com as artes, investigando o corpo, a voz, a musicalidade, o ritual e a ancestralidade nos cursos e grupos teatrais onde opera.



SOBRE A COMPANHIA CRISÁLIDA DE TEATRO

Fundada em 2018, a Companhia Crisálida de Teatro é um grupo do Ceará que pesquisa teoria e prática do corpo e da voz na cena, aliada à produção e execução de projetos artísticos e de formação. Buscando desmembramentos afetivos, políticos e sociais que a arte pode construir enquanto propulsora de transformação, a Companhia se dedica a investigar os mitos, a ancestralidade e o ritual no teatro. Nesse caminho estético e poético, agrega ao teatro outras áreas como a música, a dança, a filosofia, a história e a literatura, ampliando a relação entre ator e espectador, em conexão com as urgências do mundo atual.





(RISÁLIDA

COMPANHIA
DE
TEATRO